

Sair para o mato: estratégia yanomami contra a COVID-19

THIAGO MAGRI BENUCCI

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
thiagobenucci@gmail.com

DANIEL STIPHAN JABRA

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil
danieljabra@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp26-33

resumo Com o avanço da Covid-19 os Yanomami do rio Marauíá (Amazonas, Brasil) atualizam uma prática tradicional de mobilidade (*wayumĩ*) como estratégia de resistência e de sobrevivência. Contra a nova pandemia, saem das aldeias e se refugiam na floresta, invertendo a aproximação histórica com os não-indígenas (*napë pë*), recusando a proximidade e o convívio. Até saírem de suas aldeias, um interlocutor compartilhava conosco notícias e reflexões sobre o momento em que vivemos e é a partir destas conversas que trazemos algumas reflexões sobre esta prática e a possibilidade de pensarmos e aprendermos com as estratégias yanomami de enfrentamento de epidemias (*xawara*).

palavras-chave Yanomami. COVID-19. Resistência.

Going out into the forest: Yanomami strategy against Covid-19

abstract With the advance of Covid-19, the Yanomami of the Marauíá River (Amazonas, Brazil) are updating a traditional practice of mobility (*wayumĩ*) as a strategy of resistance and survival. Against the new pandemic, they leave the villages and take refuge in the forest, reversing the historical approach to non-indigenous people (*napë pë*), refusing proximity and conviviality. Until they left their villages, an interlocutor shared with us news and reflections about the moment in which we live and from these conversations we bring some thoughts on this practice and the possibility of thinking and learning from the Yanomami strategies to face epidemics (*xawara*).

keywords Yanomami. COVID-19. Resistance.

Salir al bosque: estrategia yanomami hacia el COVID-19

resumen Con el avance de Covid-19, los Yanomami del río Marauíá (Amazonas, Brasil) están actualizando una práctica tradicional de movilidad (*wayumĩ*) como estrategia de resistencia y supervivencia. Contra la nueva pandemia, abandonan las aldeas y se refugian en el bosque, invirtiendo el enfoque histórico hacia los no indígenas (*napë pë*), rechazando la proximidad y la convivencia. Hasta que dejaron sus aldeas, un interlocutor compartió con nosotros noticias y reflexiones sobre el momento en que vivimos y es a partir de estas conversaciones que traemos algunas reflexiones sobre esta práctica y la posibilidad de pensar y aprender de las estrategias yanomami para enfrentar epidemias (*xawara*).

palabras clave Yanomami. COVID-19. Resistencia

Em 2001 pegou fogo na roça. Acabaram os alimentos cultivados e os Pukimapiwëteri saíram do *xapono* e foram para o mato. “Saíram de *wayumĩ*”, como se diz. Foi a última vez que tomaram esta decisão, até hoje. Quase duas décadas depois, em meio a pandemia de COVID-19, essa prática tradicional yanomami é retomada e atualizada como estratégia de resistência frente ao novo vírus. A instabilidade e a incerteza que esse período de emergência provoca, no entanto, atinge a todos nós. A experiência de uma epidemia causada por um vírus desconhecido do qual não temos imunidade e nem tratamentos nos faz “tão desamparados frente à COVID-19 quanto os Yanomami frente às epidemias letais e enigmáticas que nosso mundo lhes inflige há décadas”, como observa Bruce Albert (2020a, p.3). Entre os Pukimapiwëteri corriqueiramente ouvimos os relatos daqueles que passaram pelas epidemias de sarampo, coqueluche e tuberculose, decorrentes do contato com os não-indígenas e, quando conversamos com os anciões e seus filhos, eles nos contam como faziam para enfrentá-las, se isolando na floresta como estratégia para fugir destes males e evitar a propagação do contágio. Essas memórias têm se juntado às nossas neste novo cenário em que vivemos, e em fevereiro de 2020, quando retornamos de nossa última estadia entre os Pukimapiwëteri no alto rio Marauíá, logo tomamos conhecimento do avanço da COVID-19 e passamos a rememorar essas histórias¹. Preocupados com o agravamento da pandemia, conseguimos ligar para o único orelhão que funciona no alto Marauíá, na comunidade Pukima Beira. Falamos com Sérgio Pukimapiwëteri, agente indígena de saúde, que nos informou que as comunidades estavam torrando farinha e reabrindo caminhos antigos no mato: estavam se preparando para “sair de *wayumĩ*”. Até saírem de suas aldeias Sérgio nos atualizava pelo orelhão, trocando notícias e reflexões sobre o momento que enfrentamos. É

¹ A região do rio Marauíá – afluente do médio rio Negro (Amazonas, Brasil) – se situa à oeste da Terra Indígena Yanomami (homologada em 1992) e é habitada por grupos yanomami pertencentes ao subgrupo linguístico yanomami (uma dentre as 6 línguas e os 17 dialetos da família linguística isolada yanomami), com população total de aproximadamente 2.354 pessoas (segundo o censo de 2018 do DSEI-Y/SESAI), distribuídas atualmente em 17 *xapono* (“casa-aldeia”), dentre eles, no alto curso do rio, os *xapono* dos grupos Pukimapiwëteri.

a partir destas conversas que trazemos algumas reflexões sobre esta prática e a possibilidade de pensarmos e aprendermos com as estratégias yanomami de enfrentamento de epidemias.

“Sair de *wayumĩ*” (*wayumĩ huu*) indica a prática de sair da morada principal, o *xapono*, e ir viver no interior da floresta, em acampamentos *yãno*, onde um grupo familiar e eventualmente todo o grupo local passa a habitar temporariamente. Em períodos de estabilidade política e social, grupos yanomami saem de *wayumĩ* em expedições coletivas durante o período de escassez dos alimentos nas roças para aproveitar as épocas de colheitas abundantes de frutos da floresta, como o açaí, a bacaba, o patauá, o buriti e castanhas, de forma que, nesse contexto, sair de *wayumĩ* equivale à uma expedição coletiva onde os grupos se afastam de suas comunidades e passam a viver integralmente da caça e da coleta na floresta. Por outro lado, em períodos de instabilidade, sair de *wayumĩ* também é uma forma de amenizar conflitos entre habitantes de um mesmo *xapono* e, assim, uma possibilidade de evitar a cisão definitiva de um determinado grupo familiar; e quando o conflito é externo ou com outros grupos, sair de *wayumĩ* se torna uma estratégia de defesa costumeira, saindo dos *xapono* e se refugiando no mato. Os acampamentos na floresta podem ser divididos em grupos e o tempo da estadia pode variar entre algumas semanas e alguns meses, de forma que os grupos seguem se deslocando sucessivamente, refazendo os acampamentos em cada paragem, em busca de comida ou fugindo de inimigos, por exemplo.

Hoje, a prática do *wayumĩ* é retomada como estratégia de defesa para a manutenção da estabilidade política e social yanomami, nos mostrando que a memória da prática do *wayumĩ* segue viva e, junto com ela, a memória das epidemias que assolaram a região décadas atrás em momentos ímpares de instabilidade. A estabilidade social yanomami se desenvolve através de um complexo sistema de manutenção de alianças com os grupos mais próximos, e de acusações e hostilidade com grupos mais afastados, podendo ser compreendida através de categorias relacionais que configuram as bases da filosofia política yanomami, classificadas tanto pela distância física como social, conforme apresentado por Albert (1985). Neste esquema, na última esfera das relações yanomami, além do território conhecido por um determinado grupo, estão os inimigos realmente desconhecidos, dos quais somente se sabe através de rumores e, também, de onde se concebe que vêm os “brancos” e suas epidemias (ALBERT, 1985). No entanto, se a categoria *napë pë*, antes, indicava os inimigos atuais e as pessoas hostis conhecidas e mais próximas, diante dos novos conflitos e também das novas formas de aliança com os não-indígenas, a categoria é atualizada para enfrentar as distâncias espaciais e políticas que foram violentamente suprimidas pelos “brancos”, quando estes se fizeram definitivamente presentes na terra-floresta yanomami (*urihi*).

Na região do rio Marauíá, a estabilização do contato com os brancos (*napë pë*) ocorreu a partir da década de 1960 com o estabelecimento da missão salesiana no médio curso do rio. Adriano Pukimapiwëteri, liderança do Pukima Cachoeira, nos conta que inicialmente estes eram chamados de Poowëteri, o “povo do machado”, e que quando os missionários salesianos pretendiam subir o rio com a intenção de fazer contato, enviaram mensageiros yanomami até o acampamento em que os Pukimapiwëteri estavam de *wayumĩ* para dizer que os tais

Poowëteri traziam muitas coisas: “machado, enxada, terçado, escola, missão e saúde”. Segundo Adriano, seu avô, importante xamã e liderança naquele período, negava a proposta dizendo:

Não, não, não. Eu não quero. Eu não quero chegar perto dos brancos. Eu sei, eu sei que os brancos que estão chegando estão trazendo doença feia. Eu não quero que eles tragam a doença. Eu sempre eu vou morar aqui, nas cabeceiras que não tem doença. Não tem doença. Quando é pra baixo do rio, onde passam os brancos, tem a doença feia. Eu não quero pegar essa doença. Eu não quero saber que tem branco.

Assim, alertava o grupo que junto desses novos objetos, decerto atrativos, viriam as doenças e as epidemias e, assim, recusava a aproximação. Entendendo não se tratar de uma mera coincidência, os Yanomami “atribuíram um princípio patogênico (*wayu*) às poses dos seres estrangeiros que tinham irrompido em seu território, e chamaram as epidemias de *boobeë wakeëshi*, ‘fumaças das ferramentas, fumaça do metal’” (ALBERT, 1992, p. 166). Como a “fumaça do metal”, as epidemias são também conhecidas como *xawara*, e assim explica Davi Kopenawa:

O que chamamos de *xawara* são o sarampo, a gripe, a malária, a tuberculose e todas as doenças de brancos que nos matam para devorar nossa carne. Gente comum só conhece delas os eflúvios que as propagam. Porém nós, xamãs, vemos também nelas a imagem dos espíritos da epidemia, que chamamos de *xawarari*. Esses seres maléficis se parecem com os brancos, com roupas, óculos e chapéus, mas estão envoltos numa fumaça densa e têm presas afiadas (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 366).

Para acabar com as epidemias causadas pelos seres *xawarari*, esses devem ser combatidos pelos xamãs, ao passo que a comunidade, assim como ao sofrer um ataque de outro grupo inimigo, deve adotar estratégias para evitar outras agressões e mais mortes, dispersando-se pela floresta para evitar novas contaminações². Recentemente, Dário Kopenawa, vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, informou que os xamãs yanomami de todo o território, os médicos da floresta, têm investigado o novo vírus Sars-Cov-2, fazendo seu reconhecimento, identificando sua origem, seu agente, sua causa e

² É importante notar que para os Yanomami não há mortes com causas “naturais”. Uma morte é consequência direta de uma intencionalidade, seja pela ação humana ou pela ação de entidades sobrenaturais. Assim, os agentes que provocaram a morte são identificados pelos xamãs e a morte deve ser vingada, cada qual à sua maneira, o que lhe confere uma dimensão política intrínseca ao sistema de relações yanomami (Cf. ALBERT, 1992).

trabalhando para combatê-lo (HAMDAN, 2020). Os seres maléficos *xawarari* acompanham as mercadorias seguindo o caminho dos “brancos” e, através delas, atacam os Yanomami com seus efeitos patogênicos (cf. KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.368), como também nos alertou Sérgio em uma de nossas ligações:

Heriyë [cunhado], eu estou preocupado, tem muito avião ainda voando aqui no nosso território. Eu fico preocupado porque eu estou pensando: de onde vêm esses aviões? Eu acho que a maioria vem de Boa Vista, e lá já tem caso confirmado de contaminação. Por isso eu estou pensando: esses medicamentos vêm de Brasília, se alguém em Brasília está contaminado e aí esse contaminado pega as caixas para pôr dentro do avião, aí o avião vai para Boa Vista com as coisas de medicamento e depois vai para Santa Isabel [do Rio Negro] e de Santa Isabel vem para o Marauíá, nosso território, aí que vai chegar essa contaminação. Por isso que eu e o Hipólito [liderança do Pukima Beira] estamos pedindo para a SESAI [Secretaria Especial de Saúde Indígena] parar com esses voos e deixar somente os voos de Santa Isabel, porque em Santa Isabel ainda não está confirmado caso dessa *xawara*.

Um dia antes dessa ligação (9 de abril de 2020), a COVID-19 fez sua primeira vítima entre os Yanomami. O jovem faleceu em Boa Vista (RR) e, para além do precário atendimento médico recebido até o momento de sua morte, não teve direito aos rituais funerários tradicionais e o sepultamento sequer contou com o consentimento e o diálogo adequado com seus familiares, situação que para esses equivale a “uma segunda morte em vida” (ALBERT, 2020b). O desrespeito aos ritos funerários e a completa ausência de diálogo evidencia o racismo e a truculência do Estado frente à pandemia, cujas vítimas entre os povos indígenas aumentam em níveis alarmantes. Em outra ligação com Sérgio (14 de abril de 2020), contando sobre os muitos corpos que vinham sendo cremados após a morte, ele ficou extremamente assustado e nos advertiu:

Heriyë, você confirma essa informação? *Heriyë*, eu vou te contar uma coisa, uma coisa dos nossos antepassados. Quando chegou a *xawara* aqui, esse sarampo, quando a pessoa morria, a gente não queimava não. Deixava no mato, alto. Embrulhava o corpo, colocava dentro do cesto e montava um jirau no mato. Aí, lá em cima ficava esse corpo embrulhado até apodrecer, até acabar. Ficava lá apodrecendo. Aí depois de um tempo, só tinha o osso. Aí depois que a gente queimava, tirava o jirau, pegava o resto do osso e fazia *reahu* [a festa funerária]. Se queimar esse corpo de *xawara*, vai aumentar muito essa contaminação! A fumaça vai levar e espalhar a *xawara* mais longe ainda e não vai acabar rápido não!

Esta foi a última ligação que fizemos com Sérgio. Como ele nos informou, comunidades de todo o rio Marauíá estavam torrando farinha e reabrindo caminhos antigos no mato, se preparando para sair de *wayumí*. Nesse meio tempo, a Associação Yanomami Kurikama, que representa os grupos do rio Marauíá e rio Preto, emitiu um documento ao DSEI-Y (Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami) solicitando a saída de todos os profissionais da área. Essa ação foi única dentro da Terra Indígena Yanomami e não deixa de enfrentar riscos, entre eles as outras doenças como a malária, que uma vez que os testes e medicamentos cessarem, colocam os Yanomami em perigo, já que planejam ficar isolados de dois a quatro meses. A fim de lidar com eventuais problemas desse tipo, a estratégia de organização do *wayumí* contou com uma atualização tecnológica, de modo que os grupos levaram para os acampamentos, além de medicamentos, também o microscópio (operado pelos microscopistas yanomami) e o sistema de rádio, que permite que os grupos mantenham diálogo entre si e também com o DSEI-Y.

A situação, assim, inverte o movimento de aproximação às margens do rio, decorrente do contato e da implantação do sistema de saúde do Estado, num sentido simetricamente oposto. A referência acima da antiga liderança e avô de Adriano à região das cabeceiras dos rios corresponde aos locais nos sopés das serras em que tradicionalmente habitavam os Yanomami, antes da estabilização do contato com os Poowëteri e antes da mudança para as margens do rio Marauíá. Esse movimento, das serras ao rio, foi inicialmente estimulado pelos missionários, que inclusive presenteavam os grupos com canoas para que “pensassem sobre” a ideia de se aproximarem do eixo navegável e da missão, e posteriormente pelo Estado, a fim de facilitar suas atividades e implantação dos serviços de saúde e educação. Entre os Pukimapiwëteri a mudança às margens do rio teve início somente a partir da década de 1990, quando o contato com os não-indígenas já era regular e, simultaneamente, as epidemias assolavam as comunidades. Assim, a aproximação se deu como forma de ampliar o acesso aos serviços de saúde, inclusive, para lidar com as epidemias *xawara* trazidas pelos próprios Poowëteri. Hoje, em um movimento contrário e atento aos altos riscos de contágio através de profissionais de saúde e outros não-indígenas possivelmente contaminados transitando pelo rio, os Yanomami pedem para que todos os não-indígenas se retirem da região do rio Marauíá. Ao mesmo tempo em que saem de suas aldeias e se refugiam longe das margens dos rios, deixando as escolas e os postos de saúde, indo de *wayumí* para o mato e voltando para o “toco das serras”, como diz Adriano, onde habitavam antes do contato com os Poowëteri. Nesse movimento, renunciam e recusam a atual proximidade e o convívio com os *napë pë*, antecipando uma eventual nova catástrofe e evitando deliberada e temporariamente a presença do Estado e seus agentes.

Ao voltarem a habitar esses outros locais de difícil acesso, como as cabeceiras dos rios e os sopés das serras, os Yanomami demonstram uma fluidez das relações com o Estado e com os brancos de modo geral. Essa relação é marcada por uma ambiguidade que não se resume a um sentido único ou estático, mas uma instabilidade permanente que configura os

contornos de uma relação que pode ser benéfica, ao mesmo tempo em que é potencialmente perigosa, implicando numa constante negociação como forma de encontrar um certo equilíbrio. Em tempos de emergência, quando o risco é iminente e impetuoso, com a *xawara* COVID-19 se aproximando e sobrevoando a terra-floresta, os Yanomami são claros no que diz respeito à estratégia política de manutenção da relação: a recusa e o isolamento. Voltar a habitar essas regiões, o mais longe possível dos Poowëteri, permite-os se situarem para além da sombra do Estado e, conseqüentemente, também para além de sua atual ameaça viral. Estar em movimento e abandonar as comunidades na beira dos rios é um procedimento de inversão da política de atração e sedentarização, promovida direta ou indiretamente pelo Estado e seus agentes, em que deliberadamente recusa-se o regime de convencimento de que o Estado é um “lugar” seguro e estável. Sair de *wayumi*, nesse contexto, mais do que uma inversão histórica, mostra-se uma técnica política de resistência.

Referências Bibliográficas

- ALBERT, Bruce. (1985). *Temps du sang, temps des cendres: représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du Sud-Est (Amazonie Brésilienne)*. Tese de Doutorado. Paris: Université Paris X – Nanterre.
- _____. (1992). A fumaça do metal: história e representação do contato entre os Yanomami. In: Anuário Antropológico, n.14, v.1. Brasília: UnB, p. 151-189.
- _____. (2020a). *Agora somos todos índios*. São Paulo: N-1 Edições (coleção Pandemia Crítica, vol.44). Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/044>>. Acesso em: 13/05/2020.
- _____. (2020b). Sepultamento de Yanomami vítima da COVID-19. In: Amazônia Real, Manaus, 15 de abril de 2020. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/sepultamento-de-yanomami-vitima-da-covid-19/>>. Acesso em: 13/05/2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HAMDAN, Ana Amélia. (2020). Para escapar do coronavírus, Yanomami se refugiam no interior da floresta. In: Amazônia Real, Manaus, 28 de abril de 2020. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/para-escapar-do-coronavirus-yanomami-se-refugiam-no-interior-da-floresta/>>. Acesso em: 13/05/2020.

sobre os autores

Thiago Magri Benucci

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP). Professor na Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Graduado em

Arquitetura e Urbanismo pela Escola da Cidade (AEC).

Daniel Stiphan Jabra

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

Recebido em 15/05/2020

Aceito para publicação em 21/06/2020